

PEIXE PARA TODOS

Roberto Rodrigues*

Em abril passado fui pescar com meu filho em Paso de la Patria-Argentina, no Rio Paraná. Ficamos em um excelente hotel onde também estavam dezenas de outros pescadores brasileiros e argentinos, e todas as madrugadas saiam cerca de 30 barcos, cada um com 2 a 4 pessoas, para um dia inteiro de busca dos melhores troféus.

Foram 5 dias de muito prazer. Pegamos dourados, pintados, piaparas, piracanjubas, pacus e até um jau de uns 40 quilos. A pesca é esportiva, e TODOS os peixes são devolvidos para o rio, depois, é claro, de devidamente fotografados (só os grandes) para garantir a veracidade de narrativas às vezes fantásticas. Nenhum dos turistas deixou de pegar belos espécimes.

Depois da viagem, alguns temas voltaram à tona.

O primeiro deles tem a ver com a excelência das "facilidades" argentinas para a pescaria. Existem ali dezenas de hotéis/alojamentos para turistas, a maioria de boa qualidade, alimentação farta e variada, barcos muito bem conservados, "pilotos" super educados e serviçais, locais de embarque seguros, material de pesca de primeira (não precisamos levar nada, tudo fornecido pela empresa de turismo que, por sinal, é de um brasileiro), logística perfeita, enfim, um programa maravilhoso para quem gosta do esporte. Logo vem a pergunta: porque não temos uma infraestrutura dessa, com pantanal, amazônia e bacias formidáveis como as do Araguaia/Tocantins, do São Francisco, do Prata? São todos locais de beleza natural espetacular que a imensa maioria dos brasileiros desconhece. Temos represas enormes que poderiam ser criatórios de peixes variados, propiciando redes turísticas poderosas. Que falta para isso tudo acontecer, e parece tão lógico que assim seja?

Bom, também não é tão ruim assim: temos belos modelos de pescaria embarcada saindo de Corumbá, de Cuiabá, temos excelentes pousadas nos principais rios do pantanal e da amazônia. Mas poderíamos fazer muito mais, gerando empregos para milhares de "pirangueiros" que lutam desesperadamente pela sobrevivência, muitas vezes como pescadores profissionais, verdadeiros predadores da nossa extraordinária ictiologia.

Mas a maior questão não é essa. Temos mais de 8 mil quilômetros de costa, um gigantesco potencial pesqueiro que não vai para a frente por falta de frotas pesqueiras adequadas. Recentemente a Europa suspendeu as importações de pescados marítimos por causa da má qualidade sanitária de nossas embarcações. Isso sem falar no potencial monumental de fazendas marinhas de pesca para criação de ostras, mexilhões, camarões e outros animais, ainda insuficientemente exploradas.

Que dizer de nossas águas internas? Represas e rios maravilhosos poderiam produzir pescado para consumo interno e exportação, como fazem outros países até da América do Sul e muitos da Ásia. Estamos muito mal?

Não, nem tanto. Estamos avançando, mais do que se sabe.

Por exemplo: o Brasil já é quarto maior produtor de tilápia do mundo. No ano passado produzimos 357 mil toneladas desta espécie, atrás da China (1,8

milhão de toneladas), da Indonésia (1,1 milhão de t) e do Egito (800 mil t). Já somos maiores do que Filipinas e Tailândia. Os estados que mais produzem a tilápia são Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e Bahia. Somados, estes estados representam 65% da produção nacional. Aliás, no ano passado produzimos um total de 692 mil toneladas de peixes de cultivo. Os peixes chamados "nativos" (liderados pelo tambaqui) somaram 302 mil toneladas, logo abaixo da tilápia. E está crescendo a produção de pirarucu, de pacu, pirapitanga, de pintados e outros nativos. Curiosamente, o estado de Rondônia lidera a produção de nativos, seguido do Mato Grosso, Amazonas, Maranhão, Pará e Goiás. As carpas e trutas, que não são nativas, geraram 32 mil toneladas no ano passado.

São números expressivos, mas podemos fazer muito mais. Por exemplo, importamos quase um bilhão de reais por ano de pescados (bacalhau, atum, sardinha), moluscos, conchas. A Associação Brasileira de Piscicultura- Peixe BR, vem trabalhando com um programa de desenvolvimento do setor, depois de ouvir seus associados em todo o país. São diversas as demandas elencadas, entre as quais: investimento em tecnologia, genética, novas espécies, nutrição, sanidade, sistemas de produção, qualidade da água, processamento do pescado, estudos de mercado, além de questões limitantes como o licenciamento ambiental e outorga de água.

Há muito o que fazer, mas o país não está parado. Há uma ideia circulando no setor: temos uma importante e eficiente entidade de defesa das cadeias produtivas da avicultura e da suinocultura, a ABPA-Associação Brasileira de Proteína Animal. Talvez fosse interessante pensar em acrescentar o pescado nessa competente instituição. Vale a pena pensar nisso.

Seja no turismo, seja na criação, temos bons exemplos de sucesso, como é o caso de algumas cooperativas, sobretudo no Paraná, com resultados expressivos para os cooperados (principalmente pequenos), com indústria instalada e mercados conquistados pela qualidade do produto. Belo exemplo é o da Cooperativa de Cafelândia/PR, a Copacol - que vem sendo seguida por outras, como a CVale, de Palotina. Seus líderes são visionários que somaram a produção de aves à de peixes, integrando as atividades no campo e agregando valor (gerando carne e couro de tilápia), modelo moderno de produção agropecuária sustentável.

Peixe pode ser um importante produto de exportação do agro brasileiro. E a pescaria um maravilhoso esporte/turismo que desvendará as belezas naturais do interior do nosso país.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terças segundas-feiras do mês**